

Em

Comunidade em Movimento

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Frei Ricardo Rainho, O. Carm. - ANO XI - II Série - Nº 90 - Fevereiro de 2006

PRIMEIRA ENCÍCLICA DO PAPA BENTO XVI



CARTA ENCÍCLICA
DEUS CARITAS EST
DO SUMO PONTÍFICE
BENTO XVI
AOS BISPOS
AOS PRESBÍTEROS E AOS DIÁCONOS
ÀS PESSOAS CONSAGRADAS
E A TODOS OS FIÉIS LEIGOS
SOBRE O AMOR CRISTÃO

O ESPLENDOR DA CARIDADE

Algo de surpreendente aconteceu em torno da primeira Encíclica de Bento XVI. Com um título curto, óbvio, aparentemente abstracto para as lógicas de marketing de hoje, eis que suscita um volume impensável de informação e comentário, quer nos media confessionais, quer nos laicos ou mesmo adversos. E em todos os casos, com algum desconcerto acerca dum homem que foi duramente criticado antes de ser Papa e, quando eleito, apontado por apressados comentadores, de conservador impiedoso e intolerante. Ainda que muitos continuem a falar sem nada perceberem do que dizem, eis que paira um olhar suspenso sobre uma Encíclica acerca do Amor que surge com uma clareza meridiana, um suporte histórico e bíblico em tudo o que exprime, desde a antiguidade clássica, passando pelo Antigo e Novo Testamento, e descendo às mais duras exigências no terreno social.

Tudo se tece com uma lógica cerrada, uma argumentação sólida e simultaneamente uma doçura inexecedível, ao olhar Deus como Amor e o homem e mulher como seres amados, e que se amam no seu todo sem pertença ou exclusão de Afrodite ou Platão. Nesta palavra do Papa o amor humano ganha um estatuto de nobreza no seu todo de pessoa, mais que soma ou exclusão de corpo e espírito. Por isso Bento XVI nem por um momento se esquiva à temática do amor, na viagem fascinante do eros à agape, procurando, como disse, restituir à Caridade todo o seu esplendor. E tudo se consumando, tal como havia procedido, no amor de Deus.

Bento XVI entrou num terreno essencial de Deus e do homem. Sem um entendimento sobre o amor, a nada nem a ninguém se pode pedir clareza, entrega, afecto. Sem arremessos nem condenações primárias de moral legalista, o Papa convida a Igreja e quem se sinta dela companheira no itinerário da história, a um retempero de esperança e de força pela aproximação ao calor imanado do âmago de Deus. Estamos perante um hino, mais convincente e sedutor que qualquer arremesso de condenação ao homem de hoje, ele próprio profundamente carente da experiência do Amor à medida de Deus. Quem experimenta a dessedentar-se nas águas cristalinas não mais vai beber às lamas dos pântanos desgovernados.

DEUS CARITAS EST Carta Encíclica do Sumo Pontífice **BENTO XVI** aos Bispos aos Presbíteros e aos Diáconos às Pessoas Consagradas e a Todos os Fiéis Leigos sobre o Amor Cristão

A
PRIMEIRA
ENCÍCLICA
DO
PONTIFICADO
DE
BENTO XVI

ENCÍCLICA. Carta-circular solene que o Papa envia a todos os Bispos, ou a uma parte da Igreja, dando a conhecer o seu pensamento sobre assuntos respeitantes à fé e aos costumes.

- O Papa decide publicar uma encíclica e escolhe o assunto. O texto é redigido, geralmente, com o recurso a uma pessoa ou a um grupo, peritos na matéria. Completado o texto, é submetido à apreciação do Papa que o aprova ou o rectifica.
- No caso presente, tudo indica que foi o Papa mesmo a redigir a Encíclica, ainda que tenha procedido a consultas particulares.

INTRODUÇÃO

I PARTE
A UNIDADE DO AMOR NA CRIAÇÃO
E NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

II PARTE
CARITAS – A PRÁTICA DO AMOR
PELA IGREJA ENQUANTO
«COMUNIDADE DE AMOR»

INTRODUÇÃO

«**DEUS É AMOR**, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele»

Estas palavras da I Carta de João exprimem com singular clareza o centro da fé cristã:

- a imagem cristã de Deus •
e também
- a conseqüente imagem do homem e do seu caminho •

No mesmo versículo, João oferece-nos, por assim dizer, uma fórmula sintética da existência cristã:

«**NÓS CONHECEMOS E CREMOS NO AMOR QUE DEUS NOS TEM**»

◆ **NÓS CREMOS NO AMOR DE DEUS**

– deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida

- ◆ Na sua primeira Encíclica, Bento XVI deseja
«falar do amor com que Deus nos cumula e que deve ser comunicado aos outros por nós.»
- ◆ Na primeira parte da Encíclica o Papa especifica *«alguns dados essenciais sobre o amor que Deus oferece de modo misterioso e gratuito ao homem, juntamente com o nexo intrínseco daquele Amor com a realidade do amor humano.»*
- ◆ *«A segunda parte terá uma carácter mais concreto, porque tratará da prática eclesial do mandamento do amor ao próximo.»*

DEUS É AMOR
DEUS É AMOR

DEUS CARITAS EST

I PARTE A UNIDADE DO AMOR NA CRIAÇÃO E NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

Um problema de linguagem

2. Em toda a gama de significados o amor entre o homem e a mulher sobressai como arquétipo de amor por excelência; comparados com ele todos os demais tipos de amor se ofuscam.

4. O Antigo Testamento não rejeitou de modo algum o eros como tal mas declarou guerra à sua subversão devastadora, porque a falsa divinização do eros priva-o da sua dignidade, desumaniza-o.

6. O amor compreende a totalidade da existência em toda a sua dimensão, inclusive a corporal. O amor é «êxtase»; não no sentido de um instante de inebriamento mas como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para a libertação no dom de si.

8. O «amor» é uma única realidade, embora com distintas dimensões. Quando se separam completamente uma da outra, surge uma caricatura ou, de qualquer modo, uma forma redutiva do amor.

10. O eros de Deus pelo homem é ao mesmo tempo totalmente agape. E não só porque é dado de maneira totalmente gratuita, sem mérito algum precedente, mas também porque é amor que perdoa.

12. O olhar fixo no lado trespassado de Cristo compreende o que serviu de ponto de partida a esta Encíclica. É lá que esta verdade pode ser contemplada. A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e amar.

14. A «mística» do Sacramento tem um carácter social porque, na comunhão sacramental, eu fico unido ao Senhor como todos os demais comungantes. A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se

Amor a Deus e amor ao próximo

16.17.18. Há um nexos indivisível entre o amor a Deus e o amor ao próximo: um exige-tão estreitamente o outro que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar. O amor ao próximo consiste precisamente no facto de que eu amo, em Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível a partir do encontro íntimo com Deus.

«Eros» e «agape» – diferença e unidade

3. Das três palavras gregas relacionadas com o amor – eros, philia (amor de amizade) e agape – os escritos neo-testamentários privilegiam a última.

5. O eros degradado a puro «sexo» torna-se mercadoria, torna-se simplesmente uma «coisa» que se pode comprar e vender; antes, o próprio homem torna-se mercadoria.

7. Eros e amor nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral.

A novidade da fé bíblica

9. O homem, vivendo na fidelidade ao único Deus, sente-se a si próprio como aquele que é amado por Deus e descobre a alegria na verdade, na justiça – a alegria em Deus que Se torna a sua felicidade essencial.

11. O eros está de certo modo enraizado na própria natureza do homem. Adão anda à procura e «deixa o pai e a mãe» para encontrar a mulher. O eros impele o homem ao matrimónio, a uma ligação caracterizada pela unicidade e para sempre.

13. Jesus deu a este acto de oferta uma presença duradoura através da instituição da Eucaristia. Antecipa a sua morte e ressurreição entregando-Se já naquela hora aos discípulos, no pão e vinho, a Si próprio, ao Seu corpo e sangue como novo maná.

15. Qualquer um que necessite de mim e eu possa ajudá-lo é o meu próximo. O conceito de próximo fica universalizado, sem deixar todavia de ser concreto. Não se reduz à expressão de um amor genérico e abstracto, em si mesmo comprometedor, mas requer o meu empenho prático aqui e agora.

EROS . PHILIA . AGAPE
ΕΒΟΣ · ΦΗΙΛΙΑ · ΑΓΑΠΕ

DEUS CARITAS EST

II PARTE CARITAS – A PRÁTICA DO AMOR PELA IGREJA ENQUANTO «COMUNIDADE DE AMOR»

A CARIDADE DA IGREJA COMO MANIFESTAÇÃO DO AMOR TRINITÁRIO

19. O Espírito é aquela força interior que transforma o coração da comunidade eclesial para ser, no mundo, testemunha do amor do Pai, que quer fazer da humanidade uma única família, em seu Filho. Toda a actividade da Igreja é manifestação dum amor que procura o bem integral do homem: a sua evangelização, a sua promoção nos vários âmbitos da vida e da actividade humana.

A CARIDADE COMO DEVER DA IGREJA

20-25. O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de mais para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade inteira.

A Igreja não pode descurar o serviço da caridade, tal como não pode negligenciar os Sacramentos nem a Palavra.

A natureza íntima da Igreja exprime-se no *anúncio da Palavra de Deus*, na *celebração dos Sacramentos* e no *serviço da caridade*.

A IGREJA É A FAMÍLIA DE DEUS NO MUNDO

JUSTIÇA E CARIDADE

26-29. Na difícil situação em que hoje nos encontramos por causa também da globalização da economia, a doutrina social da Igreja tornou-se uma indicação fundamental que propõe válidas orientações muito para além das fronteiras eclesiais.

A *justiça* é o objectivo e, conseqüentemente, também a medida intrínseca de toda a política.

O *amor – caritas* – será sempre necessário,

AS MÚLTIPLAS ESTRUTURAS DE SERVIÇO CARITATIVO NO ACTUAL CONTEXTO SOCIAL

30. O presente põe à nossa disposição inumeráveis instrumentos para prestar ajuda humanitária aos irmãos necessitados, não sendo os menos notáveis entre eles os sistemas modernos para a distribuição de alimentos e vestuário, e também para a oferta de habitação e acolhimento.

Nesta situação, nasceram e desenvolveram-se numerosas formas de colaboração entre as estruturas estatais e as eclesiais, que se revelaram frutuosas.

O PERFIL ESPECÍFICO DA ACTIVIDADE CARITATIVA DA IGREJA

31. Segundo o modelo oferecido pela parábola do bom Samaritano, a caridade cristã é, em primeiro lugar, simplesmente a resposta àquilo que, numa determinada situação, constitui a necessidade imediata: os famintos devem ser saciados, os nus vestidos, os doentes tratados para se curarem, os presos visitados, etc..

A melhor defesa de Deus e do homem consiste precisamente no *amor*.

OS RESPONSÁVEIS DA ACÇÃO CARITATIVA DA IGREJA

32-39. Os colaboradores que realizam, a nível prático, o trabalho caritativo na Igreja não se devem inspirar nas ideologias do melhoramento do mundo, mas deixarem-se guiar pela fé que actua pelo *amor*.

Para que o dom não humilhe o outro, devo não apenas dar-lhe qualquer coisa minha, mas dar-me a mim mesmo, devo estar presente no dom como pessoa.

CONCLUSÃO

40-42. Na história da Igreja quantos testemunhos de caridade podem ser citados! Em particular, todo o movimento monástico exprime um imenso serviço de caridade para com o próximo.

Maria, Virgem e Mãe, mostra-nos o que é o *amor* e donde este tem a sua origem e recebe incessantemente a sua força. *SANTA MARIA, MÃE DE DEUS, ensinai-nos a tornar-nos capazes de verdadeiro amor.*

KERIGMA-MARTYRIA-LEITURGIA-DIAKONIA
КЕРИГМА-МАРТИРИЯ-ЛЕИТУРГИЯ-ДИАКОНІЯ